

FRANCESCA
CRICELLI



E AGORA QUE
ESTOU NO FUTURO,



PERMANEÇO

Caderno de Leituras n. 146 | 2022

Nota da editora

Esse texto foi anteriormente publicado no *Chiricú Journal: Latina/o Literatures, Arts, and Cultures* (ISSN:0227-7223).

Agradecemos à autora a autorização para republicá-lo nessa coleção.



E agora que
estou no futuro,

permanece

Escolho uma idade à minha medida.
Guia-nos o sul, com redemoinhos de pó sobre a estepe;
Renques, daninhos, pragas de gafanhotos,
As cintilações faiscantes das ferraduras polidas,
Tudo profetizava — visões
De monge — que eu iria perecer.
Peguei no destino, atei-o à sela;
E agora que estou no futuro, permaneço
Hirto nos estribos como uma criança.

8 ícones

Arsenii Tarkovski

E agora que
estou no futuro,

permaneço

Tenho trinta e sete anos. Com essa idade, minha mãe já tinha uma filha de quinze, eu não tenho filhos. Lembro-me bem daquele aniversário, com quinze anos quis alisar os cabelos longos e encaracolados, usei um batom marrom escuro da Dior, ganhei minhas primeiras maquiagens, que vieram numa caixa de vime dourado com tampa verde. Batom, blush, lápis de olho e rímel acomodados por ela entre cds do Pink Floyd, Beatles e The Who. Naquela noite, eu, ela e meu pai fomos a um restaurante cujo dono francês reinventava pratos tradicionais do Sudeste Asiático. Sei que uma iguaria temperada com tamarindo e cidreira era meu prato favorito, mas já não me lembro mais o que era. Dos onze aos dezoito anos, me criei em Kuala Lumpur. Há uma foto dessa noite, em algum lugar na casa da minha mãe, o papel desgastado pelo tempo retém o excesso de flash e o sorriso composto de quem queria ser adulta antes da hora. Em poucos anos, passamos de imigrantes italianos de terceira geração, que saíram do Brasil em pleno rebuliço da era Collor para tentar a vida na Itália, a expatriados durante o *boom* econômico dos chamados tigres do Sudeste Asiático. O mesmo movimento pode parecer outro e novo a partir de uma conta bancária menos esguia e um contrato de trabalho estável, um colégio de elite particular cuja mensalidade é uma

porção do salário concedido por uma multinacional. O mundo tende a recobrir os movimentos migratórios com camadas distintas — tudo depende da perspectiva de uma narrativa.

Há alguns dias, sentada na sala de espera de um hospital no interior de São Paulo, eu aguardava minha vez para mostrar minhas entranhas, glândulas, útero e vagina. A médica diz que seria bom congelar óvulos. Você quer ter filhos? Pense no congelamento, te passo o contato de um colega, sem compromisso, faça uma consulta. Dar o corpo para outro ser se encarnar em mim é muito mais do que uma questão de criopreservação de oócitos. Mas escritora pensa? Indagou o imagiologista. Escritora escreve para pensar, disse, comecei este texto na sala de espera, em meu telefone, será que o senhor teme que sua filha seja escritora? Mas o seu pai, o que disse sobre isso? Nem sempre se tem tempo ou disposição para o aval de um genitor. Quando os meus anos eram quinze, e havia em casa outro sentido de enlace familiar, não sei se já se congelavam óvulos, o que sei é que o corpo da mulher vivia sob a circunscrição técnica do olhar masculino — mesmo quando o olho era o da mulher. A roupa que se usava, os homens que se frequentavam, a carreira e a obrigação da maternidade, minha filha, se você for diplomata, que homem vai querer casar contigo — você vai trabalhar e ele vai fazer o quê? Mais de vinte anos depois e o controle de qualidade dos órgãos para que se possa ser uma boa chocadeira continua uma constante.

Gosto da chuva grossa e quente que desaba do céu aqui na Flórida, essa umidade me lembra Kuala Lumpur.

Sou filha de uma gravidez não planejada, fruto do encontro — quero crer apaixonado — entre dois jovens que talvez estivessem perdidos e à deriva de si. Engravidar, para mim, por muitos anos, só podia acontecer acidentalmente, por um descuido, nunca por planejamento. E, apesar de todo o amor assegurado e recebido, pairava no ar o sacrifício que haviam feito para trazer-me ao mundo. É melhor esperar. Teria minha mãe hesitado levar a termo essa gravidez? Ela escreveu um poema intitulado “Aquiescência” enquanto estava no começo da gestação, ainda vivia em Brasília e estudava relações internacionais, enviou-o para meu pai. Disse que não hesitou. Eu não acredito, mas sinto imensa gratidão pela aquiescência, sou um

E agora que
estou no futuro,

permanece

ser tão atado à vida e desmancho-me ao pensar na ternura com que ela me conta isso, tentando me preservar da ambiguidade dos seus sentimentos. Percebi pela primeira vez que essa era uma das narrativas da minha origem numa tarde úmida como hoje, nos corredores do supermercado chinês do nosso bairro em Kuala Lumpur, Hok Choon. A dona era uma velhinha chinesa que tinha vitiligo, vestia-se sempre igual, com calça e blusa da mesma cor, algo entre um uniforme maoista e um pijama, carregava na cintura um maço pesado de chaves — controlava todo o ir e vir da mercadoria e, por isso, ganhara em nossa casa o apelido de *a mulher da chave*, batizada assim por minha mãe e minha tia, que nos visitava naqueles dias. *Mulher da chave* era um adjetivo bom, algo a se aspirar. Correu alguma lágrima em silêncio quando soube da ordem invertida, minha mãe engravidou no mesmo dia em que conheceu meu pai, percebeu isso já no primeiro trimestre do namoro.

Meu pai gosta de olhar a previsão dos furacões num aplicativo em seu iPad. Quando cheguei, soube que alguma forte tempestade tropical pairava nos ares, isso o manteve acordado durante meu voo, entre cochilos e preces. Tento não pensar nesse risco nas inúmeras vezes em que cruzo um oceano ou continente sempre à espera de rever minha família, ou o homem que amo, ou chegar num festival literário e dizer os meus versos sobre um palco diante de tantos desconhecidos, confiando em meu tradutor. Furacão significa coração do céu na antiga língua maia, *U K'ux Kaj*, li na Wikipedia para confirmá-lo, após ter ouvido isso numa roda de conversa entre escritores. Um poema que escrevi diz que “há novembros em que só/ jacarandás nos salvam,/ deve ser por isso/ que o coração do céu/ tem nome de furacão”. Ainda não é novembro, já não me lembro como surgiu esse verso, e agora penso em todos os descaminhos que foram se alinhando para me trazerem até aqui. Meu pai teme o coração do céu quando o firmamento treme, ainda assim vive numa latitude propícia a grandes precipitações. Duas noites antes de partir de volta para minha nova casa, na latitude 64 graus norte, sonhei que minha mãe me acompanhava até o avião, caminhando pela pista do aeroporto, e ocorria um forte terremoto. Nos abraçávamos, eu não sentia medo. Jurei por anos que jamais deixaria meu país para recomeçar a vida em outro canto, a vivência com meus pais por muitos

E agora que
estou no futuro,

permaneço

países foi o que me moldou, mas os recomeços eram duros, havia assistido à confusão do ir e vir da minha família paterna, os desenlaces, as línguas quebradas, *broken tongues*, os ossos despedaçados, as retinas descoladas, minha própria obsessão com a busca de circunscrever um sentido de identidade — esse viver entre mundos. Custou-me muito esse enraizar-me no português e no italiano, traduzir de um lado para o outro, caminhar entre essas sintaxes, não estava disposta a abandonar isso por um amor. Mas o que é a disposição diante do inexorável inscrito lá onde não se vê? De lá é que provêm, como pequenas sombras projetadas num muro primitivo, os tremores da terra onírica, o medo e desejo de ser mãe.

E agora que
estou no futuro,

permaneço



Em seu último romance, *La straniera*, “A estrangeira”, a escritora ítalo-americana Claudia Durastanti descreve, entre outras coisas, o difícil recomeço de sua nova vida em Londres. Viveu os primeiros anos de sua vida nos Estados Unidos, foi alfabetizada lá e depois na Itália, mudou-se com a mãe e o irmão para uma pequena cidade no interior da Basilicata, com a mesma idade com que eu me mudei para Latina, uma pequena cidade ao sul de Roma. Seus pais são surdos, e essa marca atravessa seu ser e sua obra, sua percepção e aquisição de linguagens. Ela também é tradutora, além de autora. Ao se mudar para Londres com o namorado, tentou juntar à cidade sonhada aquela real, a vida imaginada com a necessidade de criar novos vínculos e uma rotina. É interessante como sua viagem à Índia, anos antes, parecia marcar seu primeiro encontro com a Inglaterra, um conhecimento torto que ocorreu atravessado pela colônia, como uma refração — Durastanti usa uma metáfora certa, diz ter conhecido o homem anteriormente, por meio de sua amante. Ao ler e traduzir os relatos do seu cotidiano, me vi em suas conversas com as cabeleireiras do Leste Europeu, por muito tempo eram elas as amigas com quem trocava notícias sobre namoros, viagens e outras questões

— um círculo de estranhos familiares, só as via quando ia cortar o cabelo, era esse o mesmo tipo de relacionamento que eu tecera em meu cotidiano paulistano. Em Reykjavík, tenho vivido o contrário. Tomada por um desejo intenso de entender a língua islandesa, poder baratear alguma palavra usando-a como moeda de troca, preciso aceitar que ainda não tenho essa capacidade, que não posso acelerar o processo de aquisição da linguagem. Empenho e estudo se obliteram diante do real. Há que se aprender a suportar essa deficiência, a incapacidade temporária, marca de diferença que permanecerá indelével. Lembro-me que, aos nove anos, foram necessários dois meses para falar italiano e, aos onze anos, seis meses para ter uma ótima compreensão passiva do inglês. Com um ano e meio, inserida numa escola internacional, a língua fluía e, de uma aluna ESL — *English as a second language* —, eu passara a ser uma aluna regular, podia habitar as salas de aula como qualquer um. Minha última professora das aulas de reforço em inglês, cujo nome já não me lembro, ao me dar alta, disse que o fato de eu falar muito bem e entender tudo nunca teria eliminado minha marca de não nativa — *you will never be a native speaker*. Eu só me sentia feliz por não ter de viver segregada dos outros colegas da minha idade, mas para ela era essencial demarcar a diferença. Não sei quanto tempo vou levar para ter uma boa compreensão passiva do islandês, sei que dizem que, após os treze anos, algo em nós se fecha, e já não temos a mesma capacidade de aprender outra língua. Há algo no porvir dessa aquisição que se revela para mim como um verso do poeta Tarkovski: “E agora que estou no futuro, permaneço / Hirto nos estribos como uma criança”, intuo que algo no futuro me aguarda para revelar um segredo desse processo do passado, “escolho uma idade à minha medida”. Posso conversar em inglês com qualquer um em meu novo país, mas isso me faz sentir uma impostora. Uma gringa acomodada. Eu só sei me mover pelo mundo camaleonicamente, mas ainda estou aprendendo a discernir as cores. Lembro-me com ternura das minhas cartas da infância, meu português, correto demais para uma criança de nove anos, foi se fundindo e confundindo com a sintaxe e a fonética italiana, até se mesclarem num novo tom e se separarem novamente a partir do inglês. Sylvia Molloy escreve em *Viver entre*

E agora que
estou no futuro,

permaneço

línguas que, para simplificar, ela se diz trilingue, mas que essa declaração mais complica do que simplifica, pois a aquisição das línguas não ocorreu de forma simultânea. Já foi uma guerra, para mim, a contínua ocupação de territórios linguísticos em minha mente, hoje em dia me entrego às imperfeições e estranhezas à espreita do tecido fronteiriço que se cria em minha boca como a salivação diante de um prato suculento. Nesse ínterim em que minha nova língua ainda é embrionária, apego-me mais à língua doméstica, ao sabor das vogais gaúchas que agora fazem parte do meu cotidiano, e às pequenas e divertidas diferenças que se inserem entre a minha língua e a língua do homem que amo. Passamos nossos primeiros meses juntos em nova latitude após tantas ausências e, no movimento ondular da existência, esse ir e vir de bambu e de onda, tive de experimentar de novo o tamarindo e a cidreira da soleira entre sermos dois e sermos um, e termos uma gata.

A ausência se entranha nos pelos e por trás das orelhas, nos cantos entre os dedos do pé, debaixo das unhas das mãos, é uma sujeira invisível. Antes de nos separarmos por um tempo insabido, a ausência, que é fissura, range silenciosamente, é só um som alucinado — existe em nossos corpos imaginados. Essa imaginação lembra minha avó quando insiste em perguntar: “você ouviram as portas baterem? as portas estão batendo, precisa fechá-las”, e não há estrondo algum de madeira e batente. Sujeira invisível, som silencioso, a ausência faz do corriqueiro trânsito aéreo macabra fantasia de morte.

Nossa gatinha desapareceu na mesma manhã em que eu embarquei rumo ao nosso antigo país. Dois dias antes da partida, ela dormiu aninhada em meus braços, como nunca antes. Meu sono inquieto amedrontado por uma virada brusca que poderia machucá-la, seu sono inquieto cheirando nossas cabeças, ronronando e se aninhando na dobra do meu cotovelo, meu sono inquieto por não saber mais deixar o que construímos, meu sono inquieto por saber que a caixa torácica deve sustentar mais vínculos e maiores pesos a cada passo. Chorei quando nos despedimos na rodoviária, eu rumo ao aeroporto, em outra cidade, você rumo ao trabalho, em outra cidade. Não choro há muitos anos em

E agora que
estou no futuro,

permaneço

despedidas. A volta já era certa, e continuava a fissura rangendo silenciosa, sendo sujeira embaixo das unhas, atrás das orelhas, deixando marcas de suor na blusa, a fissura sendo ausência antes da partida, tingindo de sombrio e medo o que é afirmação e desejo.

Há um poema que diz que não se pode arrancar a tristeza dos olhos de um filho, assim como não posso arrancar a tristeza do azul dos teus olhos, prenúncio de um poema antigo que escrevi. Foi de um infinito triste o azul dos teus olhos quando ela resistia a voltar. Queria crer que era só uma ausência momentânea, e que, de tanto pular entre papoulas árticas e esconder-se debaixo dos carros, Nala iria surgir, reclamando e deslizando as patinhas sobre o vidro imundo, sua obra de arte em nosso quarto de dormir.

Caminhamos sozinhos ou um com a outra pelas ruas da nossa cidade, demoramos o dobro de tempo porque paramos para conversar com os gatos, renomeamos todos eles a nosso prazer. Lembra do gato tigrado gordinho de cara quadrada que tanto gosta de ti? Aquele que talvez viva na casa amarela, na esquina de baixo. Por onde ele anda? Será que os gatos sumidos vivem como os pares de meias perdidas? Esta manhã perdi um pé de meia. Não sei como fiz da cama até a ducha para perdê-la. Foi encontrada esta tarde por minha mãe, o pé virado do avesso, estendido sobre a poltrona.

Nós, que só sabíamos amar-nos à distância, que fomos amantes da China à Croácia e nos emaranhados em nossos próprios dedos e fantasias antes de conhecermos os nossos cheiros, agora somos tomados por esse chiado silente e essas crostas invisíveis entre os dedos do pé, aprendendo outra vez a dormirmos sem entrelaçarmos as pernas.

Lembro-me de escrever algumas linhas para dizer que ainda não é tempo de desesperar, des-esperar, há de se esperar a volta dos entrelaços, das esperas em rodoviárias e aeroportos, deixarmos as janelas abertas, trocarmos todos os dias a água — que seja fresca — renovarmos o alimento, chamarmos o nome pelo jardim, abaixarmos as cabeças sob os carros, perguntarmos à vizinhança, é tempo de manter uma fresta de espera acesa e ouvirmos também qual o abandono que essa distância traz de volta para a areia desta praia. Quando já se perderam tantas coisas que é difícil crer que algo possa nos arrancar

E agora que
estou no futuro,

permaneço

a paz doméstica, achamos que já estamos calejados para todas as perdas, pois tanto lutamos pelo reflexo da luz no vidro da mesma janela, pelo vermelho das frutas da árvore, por sermos os três juntos seres que se mantêm por perto pelo cheiro, que se amam pelas narinas. Os dias feito ressaca trazem pedaços de algas marinhas, conchas, pedras vulcânicas e em alguns momentos esqueletos de aves marítimas. É difícil olhar para o litoral do tempo, mas nem toda alga se desprende da rocha ou do fundo do mar quando a maré baixa. Eu vi com esses olhos o reluzir das algas do Atlântico Norte craquelando sob o sol de junho, pareciam uma mata rasteira, as aves marítimas caminhando à procura de alimento, o sol incidindo sobre o azul, o céu sendo mar. Nem toda maré que invade e retrai arranca algas. Vamos deixar as janelas abertas, trocar a água todos os dias, vamos ainda chamar seu nome, segurar um na mão da outra, vamos. Minhas linhas foram um chamamento, as patinhas deslizaram de novo vidro adentro.

E agora que
estou no futuro,

permaneço



Meu caminho de volta para casa é longo e sobrevoou o Caribe. Paro por aqui com a sensação de que não me despedi direito de ninguém, avessa a esses grandes gestos de adeus e até logo. Ao desembarcar em Miami, na longuíssima fila da imigração, vi e ouvi de tudo, e grata surpresa foi o jovem que controlava meus documentos. Sorriu de forma ampla e generosa: falou comigo em espanhol, nos sentimos em casa eu e ele, no fundo somos latinos, depois trocamos para o inglês — ainda em casa —, ambos com o sotaque daqui, aí ele arranhou prosseguir a conversa em português — paulista ou paulistana? paulista, paulistana de coração e adoção, e então fez seu switcheo para o italiano: *pollice destro*, nem olhou torto quando respondi: escritora e tradutora, também pesquisadora, quanta coisa, você deve gostar de neve, né? Para morar na Islândia, e eu disse, o frio está mais no nome do que na ilha, acho... Vamos ver.

Nós, os desenraizados, os que temos raízes aéreas como as orquídeas que se amarram nos galhos das jabuticabeiras no jardim da

casa materna, ou raízes aquáticas como os bambus na sala de espera do meu analista, nós nos entendemos no recorte oblíquo do olhar. Sabemos o que são as barreiras, o trânsito livre e nem tão livre direito de ir e vir, sabemos como nos safamos por falarmos tantas línguas sem sotaque, camaleônicos, sabemos no fundo que somos somente migrantes. Latinos, europeus, norte-americanos — somos os desterrados. Há uma cumplicidade funda que entrelaça nossas pupilas.

Miami,
setembro de 2019

E agora que
estou no futuro,

permaneço

Caderno de Leituras n.146 | 2022

E agora que estou no futuro, permaneço
Francesca Cricelli



Edição e preparação de texto

Maria Carolina Junqueira Fenati

Revisão

Andrea Stahel

Projeto gráfico

Felipe Carnevalli e Paula Lobato

Coordenação da coleção

Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Novel Pro e Bluu Next

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, abril de 2022

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei
Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização:



Incentivo:



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 0182/2021